

DIDÁTICA NA PÓS-MODERNIDADE

Victor Giovanni Pina de Mello¹

RESUMO

Este é um artigo cujo objetivo é descrever alguns princípios epistemológicos, bem como algumas características da sociedade pós-moderna para que se possa fazer uma breve reflexão teológica e para se obter quais práticas didáticas são mais condizentes com o contexto atual. Com isso, não se deseja delimitar de forma exaustiva o marco teórico da didática pós-moderna, mas apenas descrever alguns elementos que ela deve possuir. Isso será feito por meio do estudo da literatura disponível que trata dos seguintes assuntos: epistemologia, cultura pós-moderna e didática. A partir desses dados será feito um cruzamento de informações para a obtenção das conclusões esperadas.

Palavras-chave: Educação. Didática. Pós-Modernismo. Epistemologia.

ABSTRACT

This is an article whose purpose is to describe some epistemological principles, as well as some characteristics of postmodern society so that we can make a brief theological reflection and to obtain teaching practices which are more consistent with the current context. Therefore, do not want to completely enclose the theoretical framework of didactic postmodern, but only describe some elements that it should have. This will be done through the study of literature available that addresses the following topics: epistemology, postmodern culture and didactic. From these data will be an intersection of information to obtain the expected conclusions

Keywords: Education. Didactics. Postmodernism. Epistemology.

¹ Bacharel em Física pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e especializado em Docência no Ensino Superior pelo Centro Universitário Uniseb Interativo (UNISEB). Mestrando em Física na Universidade Federal de Goiás (UFG) e graduando em Teologia pelo Seminário Presbiteriano Brasil Central, em Goiânia, Goiás. E-mail: victorgpm88@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Grenz (2008, p.26) afirma que “o pós-modernismo refere-se à atitude intelectual e às expressões culturais que estão se tornando cada vez mais predominantes na sociedade contemporânea”. Logo, esse é um fenômeno que engloba várias áreas da vida. Existem diversas discussões sobre quem teria usado o termo primeiro (ROSE, *apud* GRENZ, 2008), que geralmente é dado a Arnold Toynbee (CONNOR, *apud* GRENZ, 2008). Em seus estudos ele caracteriza a pós-modernidade pelo fim do domínio ocidental, do individualismo, do capitalismo e do Cristianismo. Apesar da predição errônea de Toynbee, o termo mudou de sentido e ganhou cada vez mais aceitação passando, a partir da década de 1960, a uma atividade cultural de artistas, arquitetos e pensadores que buscavam uma alternativa à cultura moderna predominante (GRENZ, 2008). Esta cultura estava firmada sobre os seguintes princípios do iluminismo: a razão, ou capacidade humana de utilizar de sua racionalidade para encontrar a verdade; a autonomia, pois o homem e sua razão passam a ser o *árbitro* da verdade, tomando o lugar do Deus do período medieval; a harmonia, pois a verdade é única e harmônica; e o otimismo, pois os iluministas criam que, como a verdade é uma só, basta ter a metodologia correta e, então, o verdadeiro conhecimento seria obtido (GRENZ; OLSON, 2003). Esses princípios da Modernidade foram lançados por René Descartes em sua obra *Discurso sobre o método* e por Isaac Newton em sua obra *Princípios Matemáticos da Filosofia Natural*, a ponto de alguns estudiosos dizerem que “o ser humano moderno pode muito bem ser descrito como a substância autônoma e racional de Descartes, cujo habitat é o mundo mecanicista de Newton” (GRENZ, 2008). Esses princípios foram combatidos principalmente pelos desconstrucionistas liderados por Derrida² e também por grandes filósofos como Foucault. O resultado disto foi o surgimento de uma nova era caracterizada pelo pessimismo, pois o homem já não é mais capaz, com sua razão, de resolver grandes conflitos; e pelo pluralismo relativista, pois a verdade já não é universal, mas definida pela comunidade em que o indivíduo está inserido (GRENZ, 2008).

Essa mudança de princípios trouxe transformação na vida prática das pessoas. Na arquitetura, por exemplo, enquanto na modernidade o padrão seria a busca por unidade absoluta, na pós-modernidade as obras refletem propositadamente uma mistura de estilos que, para a mente moderna, seriam incompatíveis (GRENZ, 2008). Algo semelhante é visto nas artes onde a busca

² Para saber mais sobre o desconstrucionismo consulte as obras de Derrida (1976).

pós-moderna é desafiar o foco moderno sobre a integridade estilística (GRENZ, 2008). Essa mudança também pode ser vista em diversas áreas, como na do teatro, filmes e músicas (GRENZ, 2008). Ou seja, todas as áreas da vida estão passando por algum tipo de mudança, nem sempre facilmente identificáveis. Uma dessas áreas é a da educação. Muito se comenta que o aluno da atualidade é diferente, e mais indisciplinado do que os antigos, pois não possuem referenciais, objetivos nem limites (CRUZ, *apud* GOMES; CASAGRANDE, 2002). Pesquisas mostram que os alunos reclamam por não serem respeitados e que as escolas são muito autoritárias, enquanto os professores reclamam que esses alunos são indisciplinados e vão à escola somente para encontrar amigos (AQUINO, *apud* GOMES; CASAGRANDE, 2002). Outros estudiosos afirmam que a indisciplina possui várias causas como “a falta de dinamismo, criatividade de alguns professores, passando pela falta de interesse dos conteúdos ministrados” (CRUZ, *apud* GOMES; CASAGRANDE, 2002, p.699). De forma geral, os estudos afirmam que a escola não consegue acompanhar as mudanças sociais que ocorrem (CRUZ, *apud* GOMES; CASAGRANDE, 2002).

Como se deve ensinar de forma eficiente para alunos que possuem os valores e que se encontram no contexto da pós-modernidade, citados no parágrafo anterior? De acordo com Masetto (1997, p.16), a didática:

nos oferece sugestões de como realizar o planejamento de um curso com a participação dos alunos; como envolver co-responsavelmente os alunos nessa atividade levando em conta o interesse deles e o programa da matéria a ser ensinada; como selecionar assuntos interessantes; como variar as técnicas das aulas a fim de que facilitem a participação dos alunos, a aprendizagem e a integração do grupo; como fazer a ligação entre a teoria e a prática, entre os conhecimentos científicos e a realidade do dia-a-dia do aluno; como fazer para que o processo de avaliação deixe de ser apenas amedrontador para o aluno, transformando-se em incentivo ao seu desenvolvimento, e assim por diante. (MASETTO, 1997, p. 16).

Ou seja, a didática é o instrumento pelo qual se pode ensinar com eficiência os alunos que vivem no contexto pós-moderno. Segundo Libâneo, a didática pode ser entendida como

a disciplina que estuda o processo de ensino no seu conjunto, no qual os objetivos, conteúdos, métodos e formas organizativas da aula se relacionam entre si de modo a criar as condições e os modos de garantir aos alunos uma aprendizagem significativa. (LIBÂNEO, 1994, p. 5).

As próximas seções deste artigo serão dedicadas a encontrar essa didática que seja mais eficiente para os alunos do contexto pós-moderno.

1 DIDÁTICA: ABORDAGENS TEÓRICAS E CONTEXTUALIZAÇÃO

O encontro dessa *didática dos dias atuais* será feita em duas etapas. Primeiramente será mostrado alguns princípios teóricos de como as pessoas aprendem e, logo em seguida, será mostrado o contexto em que esses princípios devem ser encontrados.

1.1 Como as pessoas aprendem

Marques (1973) cita três principais teorias epistemológicas. A primeira vem de Piaget, que crê que o aprendizado das pessoas é feito de modo orgânico, pois envolve todas as áreas da vida, como a social, afetiva, intelectual e física. Com isso, o autor afirma que, para os alunos aprenderem algum assunto de forma consistente, é necessária a *evolução* de todas essas áreas da vida. Como elas se desenvolvem de forma gradual e sucessiva, a teoria de Piaget afirma que o aprendizado das pessoas também é sucessivo e cumulativo, pois cada etapa do ensino prepara o educando para uma posterior.

A segunda teoria da aprendizagem vem de Köler. Para ele, os indivíduos não aprendem estímulos de forma isolada, mas num conjunto como um todo. A partir dessa afirmação, Marques (1973) cita quatro leis que estão presentes nessa teoria: a lei da proximidade, cuja afirmação principal é a de que os elementos mais próximos possuem maior facilidade em serem agrupados e aprendidos; a lei da similaridade, onde se encontra a ideia de que elementos semelhantes são mais facilmente aprendidos do que os dessemelhantes; a lei do fechamento, que afirma que algo é aprendido mais facilmente quando as diversas partes de um ensino são mostradas formando um todo harmônico. Sobre essa teoria, Marques (1973) afirma que a aprendizagem é dada em três etapas: primeiro deve-se mostrar o *todo* de um ensino ao aluno, depois fazê-lo isolar os elementos e, por conseguinte, é preciso integrar os elementos novamente.

Outra teoria exposta por Marques (1973) é a de Skinner, que afirma que apesar de os estímulos no comportamento não serem conhecidos, eles não podem ser desprezados, ou seja, muitas vezes o comportamento é direcionado pelos estímulos externos. Com isso, Skinner queria dizer que os estímulos podem modificar o comportamento. Esse estímulo é chamado de reforço e

quando ele aumenta a frequência do comportamento em estudo, é chamado de reforço positivo, mas quando ele diminui a frequência do comportamento em estudo, ele é chamado de reforço negativo.

A partir dessas teorias, Marques (1973) cita vários princípios do aprendizado. Pode-se dizer que ele é contínuo, porque se dá em processo; global, porque envolve todas as áreas da vida do aluno e não somente a intelectual; e cumulativo, pois a vida sempre se enriquece depois de cada aprendizagem. Para que haja aprendizado também é necessário haver a prontidão, que significa o momento mais adequado em que o educando está preparado para aprender; e a modificação da realidade, pois só há aprendizagem efetiva quando a forma de ver a realidade muda. Como a aprendizagem envolve a realidade, então, ela requer a participação direta daquele que aprende. Isso leva ao princípio da autoaprendizagem, pois para haver efetivo aprendizado é necessário ocorrer atuação e participação direta do aluno. Outro princípio importante é o da motivação, pois a cada momento as pessoas agem impulsionadas por desejos internos e pessoais, logo, para aprender, o aluno deve estar motivado. Diante de tudo isso também se deve reconhecer as diferenças individuais de cada um, ou seja, cada ser humano possui uma vivência única e individual e a aprendizagem será processada dentro dessa experiência pessoal e individual. Apesar disso tudo, deve-se reconhecer a diferença de ritmo de cada aluno para absorver o que está sendo ensinado, pois alguns possuem maior facilidade em aprender, enquanto outros possuem maior dificuldade. Outro princípio é o das pequenas etapas, pois o aprendizado é efetivo quando o estudante domina o conteúdo ensinado em pequenas partes sucessivas e lógicas. Outro elemento que Marques (1973) afirma que deve conter na didática é a correção imediata de respostas. Isso deve ocorrer porque o aluno aprende mais se suas respostas são imediatamente corrigidas após ele as proferir. E o último elemento que Marques (1973) afirma ser necessário para a didática é a repetição, visto que as pessoas também aprendem com a repetição e, reestudar algum assunto, o aprofundando, sempre será benéfico para os alunos.

1.2 Contexto atual

Silva (2002) afirma que hoje vivemos em uma sociedade chamada de sociedade da informação, cuja principal característica é o grande uso de computadores e das telecomunicações. Com isso, se afirma que o computador é o ponto culminante de um desenvolvimento tecnológico feito durante vários anos e que levou na criação do telefone, rádio, cinema e da televisão. Isso faz

com que os computadores possuam cada vez mais uma presença marcante na infraestrutura social ligada às finanças, ao comércio, ao lazer e até à educação.

Diante desse contexto Silva (2002) afirma que a ideia de professor que simplesmente explica, expõe e interroga, juntamente com a ideia de aluno que escutam, compreendem e respondem estão ultrapassadas. A partir desse ponto o autor propõe a criação de equipes de pesquisa-ação cuja aprendizagem é dada de forma interativa e com orientação dos professores. Com isso, buscar-se-ia construir o saber por meio da interação com os outros alunos através de pequenos grupos interativos. E para que o conhecimento se dê dessa forma, por meio da interconexão entre os alunos, Ramal (2002) afirma ser necessário a desinstitucionalização³ do ensino.

Os pensamentos de Imbernón (2000) possuem certas semelhanças com as de Silva, pois ambos afirmam que a didática, em um novo contexto, possui papéis diferentes. Imbernón (2000), em específico, afirma que a educação deve contribuir no desenvolvimento de habilidades necessárias na sociedade da informação como a seleção e o processamento da informação, a autonomia, a capacidade de tomar decisões, o trabalho em grupo, a polivalência e a flexibilidade. Esse deve ser um papel da educação além de simplesmente oferecer uma formação baseada na aquisição de conhecimento.

Imbernón (2000) afirma que isso é justamente oposto ao que se faz hoje: uma transmissão de conhecimento centrada na figura do professor ou professora que sabe aquilo que convém ao aluno saber. Este ainda que possui apenas o papel de receptor de conhecimento.

Com toda essa discussão Imbernón (2000) conclui que a educação nessa sociedade da informação deve-se basear-se na utilização de habilidades comunicativas de modo que os alunos participem ativamente e de forma crítica na construção do conhecimento.

Tendo chegado a essa conclusão, Imbernón (2000) cita alguns elementos que são indispensáveis nessa nova prática educacional. A primeira é uma educação integrada, pois já que o processo educativo possui um caráter contínuo, então, ele não se resume a escola. Isso faz com que o papel familiar e social tenha grande influência na aprendizagem. Outros elementos são a leitura e a escrita que permitem a participação na aprendizagem e estabelece uma reflexão interior. O último elemento citado pelo autor é o acervo cultural acumulado, pois, segundo Imbernón (2000), só se

³ Para conhecer mais sobre essa teoria conheça as obras de Touraine (1998) e de Dubet (1994, 1998, 2001).

pode pensar a partir do que foi pensado por outros, logo, as obras literaturas do passado possuem grande importância.

Ainda sobre as novas práticas didáticas para a nova realidade, Ramal (2002) afirma que as pessoas da atualidade se comunicam de uma forma diferente e desenvolvem atividades diferentes no tempo que lhes sobra. Nesse contexto já não seria mais preciso acumular informações, mas estar preparado, saber como obtê-la e assimilá-la sempre que houver necessidade. Nesse sentido, o professor deve reinventar suas atividades para não perder o seu papel.

Ramal (2002) cita dois principais papéis do professor nesse novo contexto. A primeira é de arquiteto cognitivo. Nessa ideia estaria a tarefa de propiciar aos alunos construir seu próprio conhecimento de forma autônoma e integrada. Isso seria feito mediante o uso crítico dos novos ambientes de aprendizagem.

O segundo papel do professor seria de dinamizador da inteligência coletiva. Com isso quer-se dizer que o professor seria o responsável por gerenciar o processo de construção cooperativa do conhecimento. Isso faz com que o ensino se desloque dos conteúdos para a competência. A consequência é que o professor se torna um companheiro de estudo, um colaborador do processo de aprendizagem.

Com essa remodelagem do trabalho docente, espera-se que a escola mantenha sua função relevante na sociedade. Quando o professor se adequar às novas perspectivas do pós-modernismo, então, a escola vai servir plenamente ao propósito pelo qual ela foi criada que é, segundo Masetto (1997), a de ser o lugar onde o aluno se desenvolva integralmente.

Ramal (2002) cita que o problema de a escola se enquadrar nesse novo contexto é a necessidade de investimentos constantes nas tecnologias de informação. Esse seria um processo caro porque os meios de comunicação mais modernos possuem um alto custo e ficam obsoletos rapidamente.

2 CRÍTICAS AO MOMENTO ATUAL

A época em que se vive atualmente é uma era de transição. Isso faz com que seja difícil definir com precisão os marcos teóricos da atualidade. Por isso, os elementos citados anteriormente são apenas partes constituintes dessa nova didática pós-moderna. E, apesar de recente, já existem críticas em relação ao surgimento dessas novas ideias. Silva (2008) cita a posição de alguns que creem ser essa *nova didática* apenas uma influência do neoliberalismo, ou seja, ela surge da necessidade de adaptação ao mercado de trabalho, pois, segundo a mesma autora, os alicerces do pensamento moderno, sobre os quais a educação se fundamenta, estão sendo desestabilizados. Como a educação precisa sustentar-se em algum marco teórico, essa desestruturação abriu espaço para as influências do neoliberalismo. Silva (2008) também comenta que os marcos teóricos da didática estão sendo abandonados e substituídos por outros, e essa época em que se vive seria justamente essa fase de transição.

Naves (2003) também tece diversas críticas à adaptação da didática ao contexto pós-moderno dizendo que há o risco real de se perderem certezas absolutas, bem como os marcos de referência teórica ou ideológica. Isso ocorreria porque a conduta do ser humano já não pode mais ser fundamentada por razões universais. Naves (2003) comenta que outras características do pós-modernismo são a desconfiança para com a ciência, para com as técnicas do conhecimento e da possibilidade de se encontrar a verdade de forma objetiva. Isso ocorre porque a nova era em que se vive traz um *neotecnicismo* fundamentado na tecnologia como agente transformador da sociedade que desconstrói todo o processo educativo em que a humanidade estava fundamentada.

Com relação ao papel do aluno, citado anteriormente, nessa *nova didática*, Naves (2003, p.6) faz as seguintes críticas:

- (1) o ensino não é a mesma coisa que pesquisa;
 - (2) é possível um ensino eficaz sem, necessariamente, utilizar a investigação;
 - (3) não há pesquisa sem conhecimentos metodológicos de investigação;
 - (4) não é possível organizar e conduzir a aprendizagem sem ensino e
 - (5) a relação ensino/pesquisa pode levar à não diferenciação entre teoria e prática.
- (NAVES, 2003, p. 6).

Citando esses elementos a autora faz uma crítica ao questionamento de paradigmas clássicos somente porque são antigos em comparação com o pós-modernismo.

As preocupações de Naves (2003) sobre a adaptação da didática ao contexto pós-moderno deveriam ser as inquietações de todos os cristãos. Um pouco mais de luz sobre o assunto é lançada pela seguinte frase de Marra (2000, p.18): “todas as coisas necessárias à salvação e concernentes à fé e à vida são ensinadas na Bíblia”. O que ele está dizendo é que existe a possibilidade de se encontrar a verdade de forma objetiva, existem certezas absolutas e a conduta do ser humano pode ser fundamentada por razões universais. Por isso, Marra (2000, p.18) também afirma que “devemos continuar reiterando a verdade”, ou seja, que o cristianismo está fundamentado em verdades absolutas – esse é um dos pressupostos inabalável da fé cristã.

Diante disso, pode-se afirmar que mudanças sociais e ideológicas, como as que estão sendo feitas pelo pós-modernismo, devem ser vistas com cautela. Visto que o Cristianismo possui marcos teóricos inabaláveis, mudanças ideológicas não podem atingir esses marcos, como a questão da existência da verdade. Mas também se deve considerar que os tempos estão mudando e que as escolas não estão acompanhando essas transformações e, por isso, passam pelo perigo de se tornarem obsoletas. Nesse contexto de mudanças de paradigmas, onde é necessário manter a fidelidade e evitar a irrelevância, propostas como a de Portela (2012), que buscam integrar princípios cristãos na didática pós-moderna, são louváveis.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho mostrou-se que a era atual passou, e passa, por diversas mudanças. Esse novo período da história, chamado de pós-moderno, é, muitas vezes, oposto ao período moderno. Isso significa que o modo como as pessoas vivem e se relacionam, inclusive na área educativa, mudou. Logo, deve haver uma prática didática mais condizente com esse novo contexto em que se vive.

A partir daqui pode-se voltar ao que Libâneo (1994) afirmou sobre a didática: estudo sobre o processo de ensino para garantir uma aprendizagem mais significativa por parte do aluno. Tendo isso em mente, percebe-se a importância de se saber como as pessoas aprendem e como utilizar a cultura da atualidade para dinamizar a absorção do ensino pelos alunos.

É importante ter em mente o que os estudiosos, como Piaget, Skinner e Köler disseram sobre a maneira como as pessoas adquirem o conhecimento. Marques (1973) cita alguns princípios que devem ser observados, como o processo global e cumulativo do ensino, a necessidade da prontidão, da modificação da realidade, da participação direta daquele que aprende, como a necessidade da autoaprendizagem, da repetição e da motivação. Toda prática didática também deve levar em consideração que o conhecimento se dá em pequenas etapas e que cada aluno o absorve de forma diferente.

Mas deve-se considerar o contexto atual das pessoas para que haja a dinamização do estudo, levando, assim, a uma maior absorção por parte do aluno. Tendo isso em mente, podem-se sugerir algumas práticas didáticas mais condizentes com o contexto pós-moderno.

Essas *novas práticas didáticas* ainda não possuem um referencial teórico largamente aceito por todos, é o que mostram as discussões de Naves (2003) e de Silva (2008) e o fato de que a era em que se vive seja um período de transição do modernismo para o pós-modernismo. Apesar disso, no artigo sugeriram-se alguns elementos dessa *nova prática didática*, que estão resumidas a seguir.

A sociedade espera que as pessoas se formem de forma a desenvolver habilidades, como a seleção e o processamento da informação, a autonomia, a capacidade de tomar decisões, o trabalho em grupo, a polivalência e a flexibilidade. Esse deve ser um dos alvos da didática. Isso pode ser feito por meio de uma escola e de um ensino desinstitucionalizado, ou seja, não mais centrado no professor. A implicação disso é que os alunos devem ser autônomos no sentido de terem as competências necessárias para construir o saber. Essa construção deve ser feita na interação com outros alunos e pode ser mediada por meio dos novos meios de comunicação. Essa nova atitude implica num ensino não mais voltado para o conteúdo, mas para a competência.

Nesse contexto, o papel do professor seria o de estimular e ensinar os alunos a formarem e construir seus próprios conhecimentos. Outra função seria a de gerenciar a construção cooperativa do conhecimento entre os estudantes; isso faria com que o professor se tornasse mais um parceiro do processo de aprendizagem. A consequência dessa nova prática seria o fim do ensino baseado no professor ou professora que sabe aquilo que convém ao aluno saber e o fim de alunos cujo papel se resume a serem receptores de conhecimento.

A discussão acima abrange todas as áreas do conhecimento, inclusive a da Teologia. Isso faz com que os professores da área teológica (seja da Hermenêutica, da Teologia Sistemática, da Teologia Bíblica ou de qualquer outra) devam abandonar a ideia de fazer com que os alunos sejam meros receptores do conhecimento. O melhor seria que o educador de educação teológica gerenciasse a construção do saber dos estudantes, que deve ser construída através da interação entre os alunos e, em grande parte, mediado pelos novos meios de comunicação (não se resumindo à sala de aula). Ou seja, o conhecimento viria do próprio esforço em buscá-lo. Isso faria com que os estudantes fossem autônomos e, ao formarem, fossem capazes de continuar e aprofundar seus estudos sem depender de professores e nem de instituições.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, J. G. *Pesquisa investiga raízes da indisciplina (depoimento)*. Folha de São Paulo: caderno 3, São Paulo, p. 11 - 11, 08 maio 1999.
- CONNOR, Steven. *Postmodernist culture*. Oxford: Basil Blackwell, 1989.
- CRUZ C. H. C. *Influências da pós-modernidade na escola*. Rev de Educação AEC 1993 out/dez; 22(89):99-125.
- DERRIDA, Jacques. *Of Grammatology*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1976.
- DUBET, François. *Sociologia da experiência*. Trad. Fernando Tomaz. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- DUBET, François. *A formação dos indivíduos: a desinstitucionalização*. Contemporaneidade e Educação. Ano III, no. 3, março de 1998.
- DUBET, François. *As desigualdades multiplicadas*. Revista Brasileira de Educação. Mai/jun/jul/ago, n. 17, 2001.
- GRENZ, Stanley J. *Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo*. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- GRENZ, Stanley J; OLSON, Roger E. *A Teologia do Século 20*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.
- IMBERNÓN, Francisco. *A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- LIBÂNEO, José C. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.

MANNION, James. *O livro completo de Filosofia: entenda os conceitos básicos dos grandes pensadores: de Sócrates a Sartre*. São Paulo: Madras, 2005.

MARQUES, Juracy C. *A aula como processo: um programa de auto-ensino*. Porto Alegre: Editora Globo, 1973.

MARRA, C. A. B. *Sola Scriptura*. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.

MASETTO, M. *Didática: a aula como centro*. São Paulo: FTD, 1997.

NAVES, Neusa Rosa. *Educação: abordagens contemporâneas na didática e no currículo*. Monte Carmelo, vol. 2, No 2 (2003).

PORTELA, F. S. *O que estão ensinando aos nossos filhos?: uma avaliação crítica da pedagogia contemporânea apresentando a resposta da educação escolar cristã*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2012.

RAMAL, Andrea C. *Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ROSE, Margaret A. *Defining the Postmodern*. The Postmodern Reader. New York: St. Martin's Press, 1992.

SILVA, Eliana Nunes. *A didática pós-moderna em questão*. Intellectus, Sumaré, Ano 4 [N° 05] Jul / Dez 2008.

SILVA, Marco. *Sala de aula interativa*. Rio de Janeiro: Quartet, 2002.

TOURAINÉ, Alain. *Poderemos viver juntos?: iguais e diferentes*. Petrópolis: Vozes, 1998.